

## Os índios no nordeste e as pesquisas históricas: as influências do pensamento de John Monteiro

Edson Silva\*

**Resumo:** Os povos indígenas no Nordeste durante um longo período foram pensados pelos estudos acadêmicos a partir da visão baseada nas concepções da aculturação ou mestiçagem, com o desaparecimento dos índios após a extinção oficial dos aldeamentos indígenas a partir de meados do Século XIX. Nos últimos anos, com novas abordagens foram realizadas diversas pesquisas que questionaram as visões até então sedimentadas. Foi produzido um conjunto de textos que influenciados pelos estudos de John Monteiro, evidenciaram as diversas configurações étnicas e sociopolíticas indígenas contribuindo para a compreensão sobre como diferentes grupos indígenas participaram nos espaços coloniais, dos processos históricos locais e regionais a exemplo do Nordeste. Palavras-chaves: índios; Nordeste; novas abordagens; John Monteiro.

**Abstract:** Indigenous peoples in the Northeast of Brazil for a long time were considered by the scholarship from the vision based on the concepts of acculturation and miscegenation, with the disappearance of the Indians after the official demise of the indigenous settlements from the mid-nineteenth century. In recent years, new approaches to the research that questioned the visions until then pelleted were performed. A set of texts influenced by studies John Monteiro, showed the various indigenous ethnic and socio-political configurations contributing to the understanding of how different indigenous groups participated in colonial spaces, and places like the Northeast regional historical processes was produced.

Keywords: Indians, Northeast of Brazil, new approaches: John Monteiro.

### Os povos indígenas no Nordeste questionam a História

Com suas mobilizações os índios no Nordeste vêm ocupando cada vez mais o cenário sociopolítico regional e assim questionando as tradicionais visões e imagens que ainda advogam a inexistência, a extinção ou o gradual desaparecimento dos povos indígenas na Região. Durante muito tempo e até bem recentemente, os indígenas no Nordeste foram desconsiderados nas reflexões históricas, antropológicas e das Ciências Humanas e Sociais em geral numa visão baseada nas concepções da aculturação ou mestiçagem, após a extinção oficial dos aldeamentos indígenas a partir de meados

---

\*Doutor em História Social pela UNICAMP. Professor no Centro de Educação/Col. de Aplicação-UFPE/Campus Recife. Leciona no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE, no Programa de Pós-Graduação em História/UFCG (Campina Grande/PB) e no Curso de Licenciatura Intercultural na UFPE/Caruaru, destinado à formação de professores/as indígenas em Pernambuco. E-mail: edson.edsilva@gmail.com

do Século XIX.

No Nordeste, sobretudo após a Lei de Terras de 1850 que determinou os registros cartoriais das propriedades, definiu as terras devolutas oficiais que poderiam ser vendidas em leilões públicos, os senhores de engenho no litoral, os fazendeiros no interior, os tradicionais invasores das terras dos antigos aldeamentos indígenas bem como as autoridades que possuíam interesses comuns, sistematicamente afirmaram que os índios estavam “confundidos com a massa da população” e por esse motivo não existiam razões para continuidade dos aldeamentos.

Com a determinação oficial para extinção dos aldeamentos e no ato de medir, demarcar e lotear com a destinação de pequenas glebas de terras para umas poucas famílias, os arrendatários e invasores tiveram suas posses legitimadas. Muitos indígenas migraram para as periferias urbanas, dispersaram-se pelas regiões vizinhas aos aldeamentos, outros passaram a trabalhar “de alugado” em suas próprias terras agora nas mãos de fazendeiros, e umas poucas famílias permaneceram nos “sítios”, pressionadas ao longo do tempo por fazendeiros. Assim, a partir das últimas décadas do Século XIX, ocorreu um silêncio oficial sobre os índios no Nordeste.

Os habitantes dos lugares onde existiram antigos aldeamentos passaram a ser chamados de caboclos, condição essa muitas vezes assumida pelos indígenas para esconder a identidade étnica diante das inúmeras perseguições. A essas populações foram dedicados estudos sobre seus hábitos e costumes, considerados exóticos, suas danças e manifestações folclóricas, consideradas em vias de extinção. Como também aparecerem nas publicações de escritores regionais, cronistas e memorialistas municipais que exaltam de forma idílica a contribuição indígena nas origens e formação social de cidades do interior do Nordeste.

A imagem do caboclo aparece em obras literárias sobre fatos pitorescos, recordações, “estórias” contadas nas regiões do interior nordestino. Como personagens típicos e curiosos que buscavam se adaptar às novas situações de sem-terra, vagando em busca de trabalho para sobrevivência. Escritores renomados, intelectuais e pesquisadores como Gilberto Freyre, Raquel de Queiroz, Câmara Cascudo, José Lins Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, só para citar alguns dentre os mais conhecidos, em seus escritos quando se referiram aos indígenas remetem a um passado idílico e omitiram a presença indígena contemporânea no Nordeste.

Os povos indígenas no Nordeste, que retomaram suas mobilizações desde as primeiras décadas do Século XX, conquistaram o reconhecimento do Estado brasileiro com a instalação de postos indígenas pelo Serviço de Proteção aos Índios/SPI, ainda que a atuação deste órgão governamental na Região tenha sido muito assistencialista e não garantido as terras indígenas. Os povos indígenas questionam, portanto, as reflexões sedimentadas na ideia do desaparecimento indígena na Região e se constituem em um desafio, uma demanda para compreensão dos processos históricos que resultam nas mobilizações sociopolíticas atuais pelas reivindicações, conquistas e garantias de seus direitos.

### **Os estudos sobre os índios no Nordeste**

Do ponto de vista dos estudos, pesquisas e publicações com uma abordagem geral sobre os índios na Região, em 1935 o antropólogo Estevão Pinto publicou *Os indígenas do Nordeste*, na renomada Coleção Brasileira da Editora Nacional. O primeiro volume tem como subtítulo “Introdução ao estudo da vida social dos indígenas do Nordeste brasileiro”. Trata-se de uma minuciosa pesquisa bibliográfica e documental ilustrada com mapas, quadros e fotografias. O segundo volume, trazendo o subtítulo “organização dos indígenas do Nordeste brasileiro”, veio a público em 1938 e, além de mapas e quadros, trouxe diversos desenhos, gravuras e estampas, reproduzidas de livros de viajantes que estiveram no Brasil. Esse volume é baseado principalmente nas informações dos cronistas coloniais e viajantes, tratando, em quase sua totalidade, dos tupis no litoral.

A obra *Os indígenas do Nordeste* recebeu efusivas acolhidas de estudiosos da época, dentre os quais Gilberto Freyre, Pedro Calmon, o antropólogo Herbert Baldus, que publicaram resenhas críticas, elogiosas a erudição, capacidade de interpretação e síntese do autor. Com a obra, o alagoano Estevão Pinto, mas com a trajetória profissional em Pernambuco, passou a ser conhecido no Brasil e no exterior, realizando conferências, participando de congressos, publicando artigos.

Estevão Pinto que realizava estudos sobre os índios Fulni-ô (Águas Belas/PE), seria nos próximos anos pesquisador e antropólogo da Fundação Joaquim Nabuco, dirigida por Gilberto Freyre, de quem era muito próximo, e principalmente de suas

ideias a respeito da mestiçagem, foi adepto das concepções da aculturação e assimilação das populações indígenas com ênfase na progressiva caboclicização. Em *Os índios do Nordeste* o autor expressou o que reafirmará em escritos posteriores, a exemplo do livro *Etnologia brasileira: Fulniô, os últimos tapuias* publicado em 1966, sua visão sobre o desaparecimento paulatino dos índios e a crença em sua total extinção.

Embora não seja específico sobre os índios no Nordeste, o livro *Os índios e a civilização* com o subtítulo “a integração das populações indígenas no Brasil moderno”, do antropólogo Darcy Ribeiro teve a primeira edição publicada no Brasil em 1970. No capítulo “Os índios do Nordeste” o autor fez uma retomada histórica sobre os processos de esbulhos das terras indígenas na Região. Ao tratar dos indígenas que habitavam no Sertão do São Francisco o antropólogo afirmou que em função da expulsão dos seus territórios, os índios se dispersaram, vivendo, no início do século XX, “aos bandos que perambulavam pelas fazendas, à procura de comida”. E de forma pejorativa e talvez sarcástica, completou: “vários magotes desses índios desajustados eram vistos nas margens do São Francisco” (1982, p.56).

São bastante conhecidas as concepções de genocídio e etnocídio sobre a história dos povos indígenas no Brasil, defendidas por Darcy Ribeiro. O autor também advogou as “etapas da integração”, para os povos indígenas existentes nas áreas mais antigas da colonização português a exemplo do Nordeste. As categorias de índios “integrados” e de “grau de integração na sociedade nacional” foram atribuídas aos grupos indígenas que se encontravam no século XX “ilhados em meio à população nacional”, como também a ideia da aculturação e assimilação dos índios a sociedade nacional.

Em nota na Introdução de *Os índios e a civilização*, o autor afirmou que o livro era resultado do relatório de pesquisas realizadas desde 1952, que parcialmente publicara em 1958 e com versões de alguns dos capítulos divulgadas em revistas nacionais e internacionais, nos anos seguintes. Cabe lembrar ainda que Darcy Ribeiro foi funcionário do SPI, órgão estatal cuja concepção e atuação se fundamentava nos cânones positivistas, na proteção fraternal dos índios, atuando para integrá-los pacificamente ao mundo dos não-índios e, portanto, concebendo que ser índio era uma condição transitória e não respeitada. Sendo ainda Darcy Ribeiro um grande admirador das ideias e da pessoa do Marechal Rondon o fundador do SPI, a quem o antropólogo dedicou *Os índios e a civilização*.

Observemos que o citado livro com seu o título binário expressa oposições explícitas: “os índios” e a “civilização”. Ou mais sutis: os índios atrasados que se integram no “Brasil moderno”. Foi então a partir dessa perspectiva que o antropólogo pensou e escreveu sobre os povos indígenas na história do país. A ideia de um Brasil moderno formado por uma macroetnia, o povo brasileiro, que aparece em *Os índios e a civilização* foi retomada e defendida pelo autor em estudos posteriores. Na perspectiva de Darcy Ribeiro os povos indígenas, mesmo aqueles considerados “isolados”, enquanto microetnias em nada influenciariam a História e a configuração do país, muito menos os “integrados”!

Os méritos de Darcy Ribeiro decorrem de ter sido o primeiro autor que discutiu o “problema indígena” de uma forma ampla, e por sua explícita posição política em denunciar as opressões sobre os índios na História do Brasil, o que tornou as ideias do antropólogo bastante conhecidas. *Os índios e a civilização*, livro com várias edições, por sua quantidade de informações e sistematização de dados, ainda que guardada as necessárias ressalvas, continua sendo uma leitura necessária para se conhecer parte da história das populações indígenas no país. Além de ter sido traduzido para outras línguas, adotado nos diversos cursos de Ciências Sociais e Humanas no Brasil, formando uma geração de estudantes, foi também lido por profissionais de outras áreas e pelo público em geral. As ideias desse livro a respeito dos índios no Nordeste, em muito influenciaram a visão de outros estudiosos e o senso comum sobre os índios e suas expressões socioculturais na Região.

### **Novas abordagens/ olhares sobre os índios na História no Nordeste**

A publicação em 1992 do livro *História dos índios no Brasil*, uma alentada coletânea organizada pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, onde escreveram poucos historiadores e que trouxe também um texto do John Monteiro sobre os Guarani do Sul do Brasil Colonial, foi um marco na chamada “Nova História indígena no Brasil” termo cunhado pelo próprio John Monteiro em sua Tese de Livre Docência defendida na UNICAMP em 2001.

Para o interesse da nossa discussão, salientamos nessa coletânea o capítulo “Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico”, elaborado por Beatriz

Góes Dantas, José Augusto Laranjeiras e Maria do Rosário Carvalho, pesquisadores na área da Antropologia com reconhecidas atuações junto aos povos indígenas em Sergipe e na Bahia. Com um enfoque sobre a presença indígena nos diversos processos históricos da colonização regional, o citado texto representava as mudanças significativas das abordagens nos estudos a respeito dos índios no Nordeste.

Em 1995 o pesquisador José Mauricio A. Arruti publicou o texto “Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional”, resultado de suas reflexões nos estudos sobre os índios Pankararu (PE) para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado em Antropologia no Museu Nacional/UFRJ. Também situado nas perspectivas das novas abordagens sobre os índios no Nordeste, em um artigo de leitura instigante, após discorrer como os indígenas tiveram suas identidades e direitos negados e sua extinção declarada após meados do Século XIX, o autor apresentou um amplo painel da “emergência étnica” com as mobilizações indígenas em conexões com os processos históricos regional/nacional na busca pelo reconhecimento oficial, a partir das primeiras décadas do Século XX, com a fundação do Serviço de Proteção ao Índios/SPI.

A *Coleção Índios do Nordeste: temas e problemas* vêm sendo publicada desde 1999 pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), contando até 2013 com 15 volumes. Boa parte dos livros dessa série são estudos dedicados aos índios em Alagoas, embora também existam coletâneas de textos publicados por autores que pesquisam os povos indígenas no Nordeste. Todavia não percebemos uma preocupação na discussão teórica mais aprofundada sobre o conjunto dos textos publicados em cada volume. Um estudo sobre os significados dessa Coleção para a reflexão a respeito dos índios na Região ainda estar por ser realizado, contudo observam-se nos artigos reflexões resultados de pesquisas que incorporaram ou dialogaram com as recentes abordagens sobre os povos indígenas no Nordeste.

O livro *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, organizado pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional) e publicado em 1999 (a 2ª edição em 2004), marcou decisivamente as mudanças ocorridas nos atuais estudos sobre os povos indígenas no Nordeste. Em um instigante texto introdutório o organizador a partir dos conceitos situação colonial, territorialização e fluxos culturais, propôs uma etnologia sobre os chamados “índios

misturados” no Nordeste, situando as discussões nos artigos que compõem a coletânea.

Trata-se, portanto, de uma coletânea com textos que problematizaram as práticas discursivas nos processos históricos de esbulhos das terras dos aldeamentos, enfatizando as mobilizações indígenas contemporâneas pelas afirmações das identidades étnicas e reivindicações de seus territórios. Os artigos desse livro são reflexões a partir estudos acadêmicos para o mestrado e doutorado, na sua maioria orientados pelo organizador, e resultaram na feliz conjugação de abordagens baseadas em pesquisas antropológicas, sociológicas, históricas como também as que dialogam com outras áreas do conhecimento a exemplos as discussões dos estudos linguísticos.

Com a publicação do livro *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória* em 2011, é possível afirmar que definitivamente se consolidou os povos indígenas na Região como um tema de estudos. Passados mais de 10 anos, após a 1ª edição da coletânea *A viagem da volta*, essa nova publicação representou um esforço de reunir textos das mais recentes pesquisas e reflexões sobre os povos indígenas na Região. Confirmando, portanto, que os interesses pelos estudos a respeito dos índios no Nordeste não só continuaram ao longo do período, como foram ampliados e se diversificaram.

Essa volumosa (714 págs.) nova coletânea foi composta por 24 textos que retomaram abordagens sobre os índios no Nordeste, pensados enquanto sujeitos históricos ao longo da História do Brasil. E como se lê na Apresentação, o livro “decorre do desconforto e mesmo indignação que gera num conjunto de pesquisadores a forma superficial e preconceituosa com que a existência indígena no Nordeste” (p.9), o que é expresso diuturnamente com muita força pelos meios de informações com consequências danosas no conhecimento sobre os povos indígenas entre estudantes, na formação da opinião pública e no senso comum em geral.

A publicação é sem dúvidas uma significativa contribuição para compreensão da participação dos povos indígenas nos processos históricos no Nordeste, e por essa razão uma leitura imprescindível para todos/as aqueles/as que se empenham com seriedade em conhecer e estudar a história da Região na perspectiva das mudanças sociais, onde os povos indígenas foram, são e serão atores sociopolíticos atuantes e importantes.

### **As influências dos estudos de John Monteiro para as abordagens sobre os índios no Nordeste**

No texto “Redescobrimo os índios da América Portuguesa: Antropologia e História”, publicado em 2001, John Monteiro alertava a quem se interessasse nos estudos sobre os índios para ter presente as dinâmicas indígenas nos períodos anterior e posterior a colonização europeia na América. Pontuando as formas sociais que ocorreram durante o período colonial: as novas configurações étnicas e sociopolíticas indígenas que foram elaboradas no projeto colonizador, fossem por meio de alianças, combates ou fugas; para além da consagrada abordagem da resistência indígena, perceber como os diferentes grupos indígenas se inseriram nos espaços coloniais ou estiveram às margens deles; observar a despeito das estratégias de dominação dos colonizadores ao atribuir aos índios identidades genéricas, como os grupos indígenas forjaram novas categorias étnicas e socioculturais tomando esses etnônimos como marcadores referenciais.

Torna-se até certo ponto difícil mensurar as influências do pensamento de John Monteiro nas reflexões a respeito dos índios na História no Nordeste. Isso porque além da participação em bancas examinadoras em vários programas de pós-graduação em estados do Nordeste, como também a sua atuação enquanto coordenador nos grupos de trabalhos por ocasião das últimas edições do Simpósio Nacional de História/ANPUH onde foram apresentados estudos sobre índios na Região, possibilita pensar que essas pesquisas estivessem no mínimo afinadas com suas ideias.

Todavia, as influências do pensamento de John Monteiro para as reflexões sobre os índios no Nordeste são verificáveis em estudos que a seguir serão brevemente citados. Influências constatáveis sejam de forma direta, em estudos de Doutorado que orientou enquanto professor na UNICAMP ou que ocorreu possivelmente como de influências forma indireta, por meio de pesquisas orientadas por uma sua ex-orientanda.

No que diz respeito às influências diretas, Maria Cristina Pompa em 2001 defendeu a Tese de Doutorado em Ciências Sociais/UNICAMP intitulada “Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial”, posteriormente publicada em

forma de livro com o mesmo título. Nesse reconhecido estudo, Pompa realizou uma análise histórico-antropológica do processo de encontro entre indígenas e missionários no Brasil colonial. Evidenciando as traduções e agências indígenas no mundo colonial no Sertão do São Francisco nordestino.

Discutindo o período em que vigorou o Diretório Pombalino no Ceará, Isabel Braz Peixoto da Silva em 2003, também em Ciências Sociais/UNICAP e sob a orientação de John Monteiro concluiu a Tese de Doutorado “Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino”, posteriormente também publicada como livro. Nesse estudo a autora buscou repensar a história dos povos indígenas no Brasil colonial, a partir da transformação das aldeias missionárias em vilas. Reavaliando a perspectiva que propõe a radical oposição entre conquistadores e índios, enfatizando papel dos índios como atores políticos e sociais.

Abordando um período mais recente, entre meados do Século XIX até a década de 1980, Edson Hely Silva, sob a orientação de John Monteiro, em 2008 defendeu a Tese de Doutorado em História/UNICAMP com o título “Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988”. Tratou-se de uma pesquisa sobre os processos históricos vivenciados por um povo indígena na região do Semiárido em Pernambuco, onde a partir das memórias orais dos índios Xukuru e de registros escritos, discutiu-se as mobilizações indígenas por terras entre meados do Século XIX e os anos 1980 e pela conquista do reconhecimento oficial, com a implantação de um Posto do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1954 na Serra do Ororubá, em Pesqueira/PE. A pesquisa das memórias possibilitou perceber os elos de uma história coletiva, do pertencimento em um conjunto de situações e experiências históricas, como a participação na Guerra do Paraguai, que conferiram uma identidade baseada em um espaço ancestral comum.

Nos relatos das memórias orais dos indígenas, chamados pejorativamente de “caboclos” por aqueles que intencionalmente negavam suas identidades étnicas, foi possível perceber acontecimentos que expressaram o cotidiano, em diferentes espaços e momentos de sociabilidades vivenciados na Serra do Ororubá. E ainda nas atividades exercidas para sobrevivência por falta de terras e em razão da seca, com as migrações para o trabalho na lavoura canavieira na Zona da Mata Sul pernambucana e Norte alagoana ou nas plantações de algodão no Sertão paraibano, ou ainda como

operários na agroindústria na área urbana municipal. As reflexões procuraram evidenciar como os Xukuru do Ororubá, apoiados na memória e na história que compartilharam sobre o passado, fizeram releituras de acontecimentos que escolheram como importantes, para afirmar seus direitos enquanto um povo indígena, a partir do vivido, do concebido e do expressado.

Por outro lado, em se tratando de influências indiretas do pensamento de John Monteiro nas pesquisas sobre os índios no Nordeste, é possível afirmar que em pelo menos dois estudos que serão apresentados em seguida. A primeira pesquisa foi orientada pela Profa. Maria Regina Celestino de Almeida/UFF que concluiu o Doutorado em Ciências Sociais/UNICAMP em 2000.

Com a Tese de Doutorado em História/UFF intitulada “Serras de Ibiapaba: de aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará colonial (Século XVIII)” concluída por Lígio Jose de Oliveira Maia em 2000, sob a orientação de Maria Regina Celestino de Almeida, o autor buscou discutir do ponto de vista indígena as transformações históricas ocorridas nas Serras de Ibiapaba/CE durante o Século XVIII. Refletindo sobre as legislações coloniais, as formas de governo nas aldeias jesuíticas, os papéis e a atuação das lideranças indígenas na condição de aldeados e como vassalos do Rei de Portugal.

A Dissertação de Mestrado em História/UFF, orientada também por Maria Regina Celestino de Almeida, apresentada em 2010 por Mariana Albuquerque Dantas e intitulada “Dinâmica social e estratégias indígenas: disputas e alianças no Aldeamento do Ipanema, em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)”, tratou das redes de relações entre índios e não-índios entre 1860-1920, ou seja durante e depois do processo de extinção do citado aldeamento. Enfocando as diversas estratégias indígenas para afirmação de seu território e de seus direitos. Os então conhecidos índios Carnijó (mais tarde chamados Fulni-ô) frente às dinâmicas sociais locais e as negações de suas condições étnicas elaboraram diferentes configurações identitárias e diversas alianças, o que lhes garantiu o reconhecimento posterior de seus direitos.

Além dessas pesquisas, outros estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE expressaram as influências das ideias de John Monteiro ou onde o autor foi citado diretamente como referência nas abordagens, a exemplo de Geyza Kelly Alves da Silva na Dissertação de Mestrado (2004) “Índios e identidades:

formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716)” que discutiu as diversas relações, alianças e estratégias de grupos e lideranças Tupi no Litoral de Pernambuco colonial; a Dissertação (2006) de Lorena de Mello Ferreira intitulada “São Miguel de Barreiros, uma aldeia indígena no Império” que evidenciou a dinâmica dos fluxos culturais e das relações que os aldeados mantinham com a sociedade açucareira da Mata Sul pernambucana e com os agentes indigenistas do Império no exercício da tutela sobre os indígenas.

Possivelmente em outros programas de pós-graduação no Nordeste foram realizados os estudos sobre os índios no Nordeste, influenciados pelo pensamento de John Monteiro. A exemplo da Dissertação de Mestrado “Seara Indígena: deslocamentos e dimensões identitárias” (2002), apresentada por Manuel Coelho Albuquerque na UFCE tendo o autor analisado relações entre os índios colonos e missionários do início da colonização da capitania cearense até metade do século XVIII. Demonstrando os deslocamentos, as dimensões e dinâmicas identitárias indígenas por meio das alianças, negociações, adaptações e nas rebeldias explícitas, como as guerras que possibilitaram as continuidades dos índios.

Contudo, é uma tarefa bastante difícil mapear iniciativas de estudos semelhantes que foram realizados por outros pesquisadores a respeito dos índios na Região.

No conjunto desses estudos citados é percebe-se algumas concepções comuns como a desconstrução de ideias e imagens sedimentadas sobre os índios vistos como vitimizados pelo processo colonial; contraria a essa perspectiva nos estudos referidos os indígenas são tratados como sujeitos agentes da/na História; Os estudos evidenciam, portanto, o lugar e o significado dos indígenas na História. E dessa forma a História do Brasil e reinterpretada em seus processos locais/regionais a partir da presença e participação indígena.

Nesse sentido, no texto “Armas e armadilhas: historia e resistência dos índios”, publicado em 1999, John Monteiro afirmou: “Importa recuperar o sujeito histórico que agia (age) de acordo com a sua leitura do mundo ao seu redor, leitura esta informada tanto pelos códigos culturais da sua sociedade como pela percepção e interpretação dos eventos que se desenrolavam” (p.248).

As pesquisas, reflexões e questionamentos nos estudos sobre os indígenas a partir dessas novas abordagens possibilitaram a inserção da temática nos departamen-

tos e nos programas de pós-graduação de História nos estados nordestinos. A conquista de uma visibilidade ainda que tímida, pois a as discussões do tema permanece ainda de forma residual no campo da História. São pesquisas que também contribuem para as mobilizações sociopolíticas dos povos indígenas na conquista, reconhecimento e garantias de direitos.

Por fim nunca é por demais lembrar que os estudos de John Monteiro suscitaram pesquisas que contribuem para a elaboração de subsídios atendendo as exigências da Lei 11.645/2008, que determinou a inclusão no currículo das escolas públicas e privadas no nível da Educação Básica o ensino da História e Culturas dos índios. Essa determinação legal para o caso do Nordeste é de fundamental importância, uma vez que até bem recentemente tinha se cristalizado a ideia da inexistência de povos indígenas na Região.

**AGRADECIMENTOS:** mais uma vez agradeço o convite, mas, sobretudo, agradeço e muito ao/a colegas Glória Kok e Giovani José da Silva pela “compreensão e clemência acadêmica”, diante dos prazos que não consegui cumprir para a entrega desse texto. Pela insistência, espera e acolhida carinhosa dessa contribuição, para as merecidas homenagens a memória do nosso querido e saudoso John Monteiro.

### Referências

ARRUTI, José Maurício P. A. Morte e vida no Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. *Estudos Históricos*, v.8, n.º. 15, p.57-94, 1995.

ALBUQUERQUE, Manuel Coelho. *Seara Indígena: deslocamentos e dimensões identitárias*. Fortaleza, UFCE, 2002. (Dissertação de Mestrado História).

DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica social e estratégias indígenas: disputas e alianças no Aldeamento do Ipanema, em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)*. Niterói/RJ, UFF, 2010. (Dissertação de Mestrado História).

DANTAS, Beatriz G.; Sampaio, José Augusto; Carvalho, Maria do Rosário. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p.431-456.

FERREIRA, Lorena de Mello. *São Miguel de Barreiros, uma aldeia indígena no Império*.

Recife, UFPE, 2006 (Dissertação de Mestrado História).

MAIA, Lígio Jose de Oliveira. *Serras de Ibiapaba: de aldeia à vila de índios: vassalagem e identidade no Ceará Colonial - Século XVIII*. Niterói/RJ, UFF, 2000 (Tese de Doutorado História).

MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de história indígena e de indigenismo*. Campinas: UNICAMP, 2001. (Tese de Livre-Docência).

\_\_\_\_\_. Redescobrimos os índios da América Portuguesa: Antropologia e História. In: AGUIAR, Odílio Alves; BATISTA, José Élcio; PINHEIRO, Joceny. (Orgs.). *Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001, p. 135-142.

\_\_\_\_\_. Armas e armadilhas. In, NOVAES, Adauto. (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo, Cia. das Letras, 1999, p.237-249.

OLIVEIRA, J. P. de. (Org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. João Pacheco de Oliveira (Org.) Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, 732 p.

OLIVEIRA, J. P. de. (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2004.

Darcy Ribeiro: os índios e a civilização. In, MOTA, D. Leonardo. (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo, SENAC, 2001, v. 2, p.405-422.

PINTO, Estevão. *Os indígenas do Nordeste: introdução ao estudo da vida social dos indígenas do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1935, v.1.

\_\_\_\_\_. *Os indígenas do Nordeste: organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1938, v. 2.

\_\_\_\_\_. *Etnologia Brasileira: Fulniô os últimos tapuias*. São Paulo, Nacional, 1956.

POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial*. São Paulo, UNICAMP, 2001 (Tese de Doutorado Ciências Sociais).

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1982. (a primeira edição brasileira é de 1970).

SILVA, Edson. *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*. Campinas, UNICAMP, 2008. (Tese Doutorado História Social)

SILVA, Isabel Braz Peixoto da. *Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino*. São Paulo, UNICAMP, 2003 (Tese de Doutorado Ciências Sociais).

SILVA, Geyza Kelly Alves da. *Índios e identidades: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716)*. Recife, UFPE, 2004. (Dissertação de Mestrado História).